

## Do fim do mundo pelo fogo: cinzas e purificação

**Pedro Eiras**

*Universidade do Porto/ ILC*

Quando Sá de Miranda pergunta, num célebre soneto: “Que farei quando tudo arde?” (1960: 310), suspeitamos que esse lamento – entre a razão e as razões que a razão não conhece – talvez traia um desejo de entrega ao incêndio. Não apenas, decerto, um equilíbrio homeostático de amor e bom senso, mas ainda a radical perda de si num fogo que é libertação, loucura, desejo. E se Sá de Miranda encena o gesto de possível resistência ao incêndio do amor, em Camilo Pessanha outro fogo, o da destruição, recebe o mais fleumático consentimento: “Deixem! Não calquem! Deixem arder. / Se aqui o pisam, rebenta além. / – E se arde tudo? – Isso que tem! / Deitam-lhe fogo, é para arder...” (1997: 177).

Valha a mesma intuição – de um arder consentido – para interrogar o imaginário do fim do mundo pelo fogo. Pretendo pois observar várias representações do consumir dos tempos pelo consumir das chamas, e não apenas o terror provocado pela perspectiva de um incêndio universal, mas também o desejo paradoxal desse incêndio. Transformando o caos presente em cinzas, o fogo redefine o mundo como combustível, isto é, destrutível – ou regenerável. E talvez não sem vontade de espectáculo, vingança, ressentimento; ou então: utopia.

### 1. Do fogo teológico.

Para encontrar o fogo como dissolvente universal, numa panorâmica necessariamente veloz, começo por uma narrativa incontornável: o *Apocalipse*. Em rigor,

podia começar pela dança de Xiva, que, no fim de cada *kalpa* (um ciclo de tempo, de História humana), destrói o mundo por um incêndio, seguido de um dilúvio e de um recomeço da vida. Mas a este modelo, em que mundo e destruição do mundo se entrançam infinitamente, a escatologia judaico-cristã responde com um Juízo único e definitivo, que fecha a História e anula o tempo na eternidade divina. Eis então um fogo obsessivamente repetido no *Apocalipse* mas que introduz um fim sem repetição possível:

Depois, o anjo tomou o incensário, encheu-o com o fogo do altar e lançou-o sobre a terra: houve vozes, trovões, relâmpagos e terremotos. (Ap 8:5)

O primeiro anjo tocou a trombeta. Saraiva e fogo, misturados com sangue, foram lançados sobre a terra; queimou-se uma terça parte da terra, a terça parte das árvores e também toda a erva verde. (Ap 8:7)

O segundo anjo tocou a trombeta. Então, uma enorme massa, ardendo em fogo, semelhante a uma montanha, foi lançada ao mar, e a terça parte do mar foi transformada em sangue (Ap 8:8)

O terceiro anjo tocou a trombeta, e caiu do céu uma grande estrela, ardendo como uma tocha; caiu sobre a terça parte dos rios e das fontes. O nome da estrela era “Absinto”. Uma terça parte das águas transformou-se em absinto e morreram muitos homens, devido às águas, porque se tornaram amargas. (Ap 8:10-11)

O quarto [anjo] derramou a sua taça sobre o Sol e foi-lhe permitido queimar os homens com fogo; os homens foram abrasados por um grande calor e blasfemaram do nome de Deus, que pode desencadear esses flagelos; e não se arrependeram para dar glória a Deus. (Ap 16:8-9)

Estes vários fogos celestes são ao mesmo tempo espectaculares, assustadores, e contidos nos seus efeitos: nenhum deles destrói *toda* a terra, mas apenas uma simbólica “terça parte”; entretanto, muitos homens nem assim “se arrependeram para dar glória a Deus”.

Ora, este fogo simultaneamente físico e metafísico, queimando o mundo humano em nome de um *logos* e um *telos* divino, deve ser desejado. Encontrando as origens do “mito da conflagração universal” na mitologia iraniana, Mircea Eliade comenta:

este mito era reconfortante. De facto, o fogo renova o mundo; através dele será restaurado um “mundo novo que escapa à velhice, à morte, à decomposição, um mundo em que a vida será eterna, em que os mortos ressuscitarão, os vivos serão imortais e tudo se renovará a contento” (*Yasht*, XIX, 14 [...]). Trata-se, pois, de uma *apokatastasis*, na qual os bons nada terão a temer. A catástrofe final acabará com a *história* e, portanto, restituirá ao homem a eternidade e a paz. (1993: 138)

A apocatástase, redenção final de todos os seres (incluindo Lúcifer, segundo Orígenes de Alexandria), rasuraria a História, inevitavelmente profana e enganadora. A ressurreição dos mortos para um “mundo novo” e a-histórico deveria fazer do fogo um aparelho sublimador.

Pelo contrário, mas de forma talvez mais complementar do que contraditória, Moisés Espírito Santo encontra na religião popular portuguesa a vivência de uma destruição pelo fogo absoluta:

“Muito em breve” a espiral do tempo romper-se-á e os fios que coordenam a boa ordem dos astros irão quebrar-se. Para os camponeses (e também para muitos cidadãos) o fim do mundo está próximo – será o segundo e “último fim do mundo” (o primeiro foi o dilúvio) e verificar-se-á por acção do fogo. Uma vez que a água regenera, a Humanidade saiu rejuvenescida da primeira catástrofe; a seguir à segunda, no entanto, nada mais restará – o fogo do pai vai consumir tudo o que existe. (1990: 61)

Neste imaginário, o incêndio promove apenas um castigo definitivo e universal, sem triar justos e infiéis. O “fogo do pai” edipiano submete toda a humanidade infantil a um super-ego que não perdoa nem ressuscita: “nada mais restará”. Quando tudo arde, não há nada a fazer.

Ora, tanto na renovação segundo Eliade como no fim definitivo conforme Espírito Santo, a História é vivida com ressentimento e a resolução provém de uma instância transcendente, imprevisível, automática. Se o fogo é assustador, a História é-o muito mais. Nesse sentido, uma linhagem de textos invoca o incêndio em euforia.

Mas invocar não é o mesmo que atear: muitas vezes, encontramos-nos mais perto da contemplação especulativa do que da acção política. Como se pode então desejar o fogo apocalíptico (para a destruição ou a renovação), e desejá-lo activamente, já não caído dos céus, mas ateadado na terra?

Em 1994, Luís Alves da Costa prefacia e ilustra uma edição portuguesa do *Apocalypse*. A breve introdução do volume, um texto sugestivamente obscuro e de inspiração surrealista, inclui este apelo, em hipertexto bíblico:

Crer, para ver. Tu, Que sondas os rins e os corações, eu quero que aqui me abras as portas da distância. Que eu venho a Ti, porquanto desejo ver. Dá-me agora, pois, o dia em que cessarão esses enormes ruídos mecânicos dos ares, para apenas reinarem, num primordial silêncio, de cerradas atmosferas e inquietas temperaturas plúmbeas, os mais devastados meteoros e asteriscos. Isso, dá-mo!... Porque eu quero todo esse mundo, que odeia a luminosidade, tanto quanto deveras anseio pelo furor da Matéria!... [...] Ah, que nem vocês imaginam tudo aquilo que eu desejava presenciar!... (1994: 8)

Desejo de ver o mundo, e o fim do mundo, portanto também o fim da visibilidade: ver o próprio invisível. No céu apocalíptico, o fogo de meteoros e asteriscos, desejado. Em rigor, não se trata de recusar a História, mas de aceitar tanto a História como o seu fim – “eu quero todo esse mundo [...], tanto quanto deveras anseio pelo furor da Matéria!...” –, num desejo de tradição modernista. O que se recusa neste texto, por outro lado, é a ideia de fim definitivo; o prefácio termina com a sugestão de um eterno retorno – inviabilizando a irrepetibilidade do *eschaton* joanino.

Por outro lado, num breve livro de prosa poética intitulado *Apocalypse*, Maria Regina Louro denuncia a condenação da Humanidade a um presente disfórico, à “flor destes dias apodrecendo”, e conclui: “A sua corola é [...] a carne do tempo: teremos que caminhar para o fogo de línguas desatadas. / Para sermos sem resto nem esperança” (1982: 3). Caminhar para o “fogo de línguas desatadas” (viver o tempo, ser sem esperança) é uma condenação; no fim do livro, porém, esse fogo integra-se no projecto da dicção poética, alvo de um imperativo, um programa:

Celebra agora a rosa incendiada. Canta-a nos dedos desfeitos, no coração devastado. A sua chama exulta no teu cântico. É uma chama incorrupta, perfeita, o anel que buscavas.

Enquanto ardes, a rosa prosseguirá o seu círculo de fogo.

Não o saberás.

Mas só depois rebentará as águas. (17)

O que era descrição do incêndio torna-se agora ordem e participação no fogo: celebrar, cantar a “rosa incendiada”, mas também acolher no cântico a exultação da chama perfeita (integrar no sujeito o objecto puro do mundo), e por fim arder com a própria rosa, integrar o fogo em si: “Enquanto ardes, a rosa prosseguirá o seu círculo de fogo”. Arde a rosa do mundo, objecto, arde o sujeito, mas sobretudo o livro termina com a injunção: celebra, canta, transforma a condenação ao fogo numa vocação pessoal.

Pelo desejo de um fogo universal, o sujeito realiza a profecia joanina, precipitando a destruição *através* da escrita. Para negar a estrutura do *Apocalipse*, seria necessário que esse fogo não consumisse a terra para consumir o tempo, mas se revertesse contra a própria instância divina. Encontraremos esta inesperada inversão num texto de provocação blasfema: *O Fim do Mundo Filmado pelo Anjo N.S.*, de Blaise Cendrars, em 1919.

Trata-se de uma glosa *sui generis* do *Apocalipse*, no saldo do futurismo italiano e nas imediações de dada, glosa fascinada pelas possibilidades do ainda recente cinematógrafo, e ferida pela Primeira Guerra Mundial. A estória: um Deus sanguinolento participa na grande feira das religiões, em Marte; quer mostrar aos marcianos um filme sobre a guerra na Terra; encarrega um anjo da igreja de Notre-Dame de Paris de desencadear o fim do planeta. Escritos como guião de cinema, os quarto e quinto capítulos descrevem o fim do mundo; o sexto, uma lenta regeneração da vida; mas no sétimo, intitulado “Às avessas”, lemos: “Abin, encarregado do funcionamento da lanterna no seu cubículo, larga fogo ao aparelho. Um chumbo salta. Uma mola parte-se. E o filme corre vertiginosamente às avessas.” (1980: 17). Regeneração, destruição, feira das religiões acontecem em movimento temporal retrógrado, até que,

Como ao princípio, vemos Deus Pai sentado na sua secretária americana a trincar furiosamente o charuto...

ETC.

É a bancarrota. (18)

*Sicut erat in principio*: o fim do mundo reverte para um infinito meio do mundo, *in medias res*, por sabotagem do ambíguo Abin (Abel + Caim?). O fogo com que queima a máquina de filmar, ou de projectar, é a inversão do fogo apocalíptico; onde o fogo

teológico anularia o tempo, o fogo da técnica de Abin condena o próprio Deus a uma repetição interminável. A *hybris* do cinema queima a própria chama do *Apocalipse*.

## 2. Do fogo político.

“Que farei quando tudo arde?”, quando o mundo é ameaçado por um fogo transcendente? “Quando tudo arde” diz o contexto inelutável, mas a questão “que farei?” introduz a ética. E se o fogo tem surgido neste ensaio como imaginário, importa agora interrogar a ruína apocalíptica não como profecia, mas descrição de um presente: o fim do mundo é hoje; e, sobre o contexto fixo, recuperar o acto político na sua inventividade.

Penso no romance *Ventos do Apocalipse*, de Paulina Chiziane (1999). Estamos em Moçambique, após a independência, em plena guerra civil; e a seca extrema ameaça as povoações. De repente, um ruído nos céus – não de chuva, mas de fogo. Cito Paulina Chiziane, reescrevendo o *Apocalipse*:

Há cavaleiros no céu. O som das trombetas escuta-se no ar. Na terra há saraivada e fogo e tudo se torna em “*Absinto*”. Quem tem olhos que veja, quem tem ouvidos que escute.

Os cavaleiros são dois, são três, são quatro. São os quatro cavaleiros do Apocalipse, maiwêê!, é tempo de cavarmos as nossas sepulturas, yô! Descem do céu do canto do pôr do Sol. São majestosos, fortes, brilhantes como o sol. São invisíveis como o vento e impiedosos como o fogo, yô!, quem tem olhos que os veja!

O terceiro e o quarto já poisaram no solo de Mananga. Agem como serpentes, secretos, felinos, traiçoeiros, ninguém os vê. Abriram clareiras nas savanas e em todas as machambas. Preparam o terreno para a chegada do segundo cavaleiro. Parece que pertencem à brigada de reconhecimento. São oficiais subalternos, são de pouca categoria. (1999: 47-48)

Num jogo intertextual impressionante, os cavaleiros do *Apocalipse* são helicópteros – tal como a batalha do “Armagedon” (266) é a guerra civil. Assim, o fogo citado (“saraivada e fogo”, cavaleiros “impiedosos como o fogo”), transcrito da profecia joanina, acontece no presente mais tangível. E se a narrativa que define este fogo ainda é bíblica, na verdade o hipotexto surge esvaziado: recupera-se para a actualidade o horror da catástrofe arquetípica, mas não o seu sentido. Dito de outro modo, o fogo doravante não implica um juízo religioso, mas serve apenas a barbárie de uma guerra. Se Paulina Chiziane

reescreve *topoi* religiosos, é para os esvaziar. Nesse sentido, mesmo enunciados literalmente copiados do *Apocalipse* ganham um novo significado: o fogo da revelação torna-se fogo de um crime.

Quanto tudo arde, faz-se este gesto desesperado: falar numa língua maior, imposta, importada – o *Apocalipse* judaico-cristão –, mas operando por esvaziamento, dessacralização, língua menor (Deleuze/Guattari 2002). Resta perguntar: o que pode uma língua menor contra o fogo da violência?

Outro exemplo de fim do mundo actual: a paisagem devastada de Carlos de Oliveira em *Finisterra* (1978). Ou seja, uma terra erma, nas mãos de proprietários decadentes. No início do texto, uma criança desenha a paisagem; o desenho será depois analisado, em diversos capítulos; em particular, as figuras dos peregrinos, camponeses pobres, que passam no horizonte. Ora, no desenho, os camponeses – alucinados pela criança? – têm “cabeças de lume” (2003: 15):

Nas cabeças humanas o fogo é mais intenso, as chamas mais altas, e a disposição das cores (sobrepostas com fúria) esconde tons indecifráveis. Aproximo, afasto a lupa (várias vezes), tentando surpreendê-los. Não consigo. Um incêndio uniforme paira a dois ou três metros do chão, e conduz os corpos (já carbonizados? apenas com sede?) à gota azul da lagoa. (19)

Eis, de novo, o fogo e um fim do mundo, ou *finis terræ*. Sobre o fogo, os fogos, falarão demoradamente os peregrinos – e também, oniricamente, os seus cavalos, bois, carneiros. Trata-se, outra vez, de uma condenação: estão danados aqueles que “têm o fogo das trovoadas, a cal nas sepulturas, como exercício do fogo verdadeiro (do inferno para sempre)” (35). Mas este fogo infernal é um fogo político, a condição despojada destes peregrinos sem terra: não há outro fogo, metafísico, se os corpos já ardem sob trovoadas e a cal viva dos túmulos. Trata-se, então, de dizer um tal fogo profano, distante das fúrias apocalípticas, trombetas e anúncios. Profecia, a haver, é terrena, e sem resolução: o juízo (político) permanece adiado em *Finisterra*.

Restam os “Raios que matam gente e gado, incendeiam casas, fendem pinhais inteiros. O inferno a mudar-se, com armas e bagagens” (23); outros fogos: o ferro em brasa que marca as reses, o lume das cozinhas nas matanças festivas, a pirogravura obsessiva da mãe, o fogo mágico do animatógrafo – fogos sempre profanos. Contudo,

neste romance enigmático, como não regressar ao desenho da criança, aos peregrinos com cabeças em fogo, como deixar de ver aí – não o incêndio do *Apocalipse* – mas as línguas de fogo do Pentecostes? Pois, a haver uma verdade em *Finisterra*, ela nunca é proferida pelos proprietários decadentes, mas pela língua ardente e ardida dos peregrinos.

A ser assim, o fogo do fim do mundo deve ser assimilado no próprio corpo; uma vez dominado, o que queimava o corpo torna agora o corpo ardente.

Vejamos outra revisão do *Apocalipse: O Ano de 1993*, de José Saramago, publicado em 1975. Cruzando a História e o fim da História, o imediato pós-Revolução e o imaginário de futuros distópicos – o ano simbólico de '93, o fim do mundo – Saramago denuncia um universo de ditadura. O hipotexto é claramente joanino: “segundo estava escrito em lendas antiquíssimas haveria vozes vindas do céu ou trombetas ou luzes extraordinárias e todos quiseram estar presentes” (2007: 13); mas qualquer expectativa de uma resolução supra-humana da História está condenada ao desengano:

E depois nada mais se ouve que uma aérea e delicada música de cravo

Qualquer fuga composta há duzentos e cinquenta anos por João Sebastião Bach em Leipzig

É então que os homens e as mulheres sem esperança se deixam cair no pavimento estalado da praça (15)

Se em *Paulina Chiziane* o fogo é inesperado e horrível, aqui ele é esperado, ausente, e horrível também. Caem os homens e as mulheres “sem esperança”: já não esperam qualquer revelação – *apocalypsin* – transcendente, isto é, uma forma de alienação; do céu provém só a música humana (como em *Memorial do Convento* apenas as vontades dos homens permitem à Passarola voar, e a música de Domenico Scarlatti). O fogo existe, doravante, ausente.

Ou conquistável. Noutro lugar de *O Ano de 1993*, uma pequena comunidade perde o fogo que transportava, e do qual dependia: “ao apagar-se o fogo acontecera a desgraça de todas mais temida porque com ela seria o tempo do pavor sem remédio do negrume gelado da solidão” (69). Um homem da comunidade desaparece; mais tarde, regressará:



Então sobre o disco vermelho viram os homens e as mulheres sobreviventes um ponto negro que aumentava e julgaram que o próprio sol ia apagar-se

Até ao momento em que distinguiram o homem que corria para eles o companheiro que os deixara duas noites antes e que nesse homem havia também um ponto luminoso

Uma labareda que vinha no braço levantado e que era a própria mão ardendo da luz do sol roubada (72)

Fogo incorporado: fogo que arde no próprio corpo, quando tudo arde. E doravante sem ser necessário qualquer Prometeu que conceda o dom divino, se o próprio homem pode roubar o fogo e ser combustão viva.

Tento resumir esta panorâmica necessariamente veloz de narrativas sobre o fogo e o fim do mundo. Que concluir? Que o fogo é terrível, mas também garantia de um sentido e um juízo moral; portanto, desejável, invocável, incorporável; revertido contra Deus em iconoclastia, e depois dessacralizado, politizado; mortífero e pentecostal, ausente e roubado pelos homens.

Numa conclusão brevíssima, arriscada perante objecto tão plural, diria que o fogo começa por ser condição imposta, e depois se torna projecto, programa, desejo. Como escreve Gaston Bachelard em *A Psicanálise do Fogo*, “Uma vez que é preciso desaparecer [...], desapareçamos e morramos completamente. Destruamos o fogo da nossa vida com um superfogo, um superfogo sobre-humano, sem chama nem cinzas, que levará o nada ao âmago do próprio ser” (1989: 86). Pouco poderei fazer quando tudo arde; mas se se ateia o próprio incêndio, a destruição é uma forma de criação: morre-se, mas de uma morte assinada. Por isso – porque convocar o fogo é depurar o acaso e o caos do mundo – existem “Tentações do apocalipse”, conforme o título de um poema de Jorge de Sena em *Peregrinatio ad Loca Infecta* (1989: 66-67), com que termino:

Há que fazer voltar à massa primitiva  
esta imundície. E que, na turpitude  
de existir-se, ao menos possa haver  
as alegrias ingénuas de todo o recomeço.  
Que os sóis desabem. Que as estrelas morram.  
Que tudo recomece desde quando a luz

não fora ainda separada às trevas  
do espaço sem matéria. Nem havia um espírito  
flanando ocioso sobre as águas quietas,  
que pudesse mentir-se olhando a Criação.  
(O mais seguro, porém, é não recomeçar.)

## Bibliografia

- AA.VV. (1991), *Bíblia Sagrada*, 15<sup>a</sup> ed., Lisboa, Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos).
- Bachelard, Gaston (1989), *A Psicanálise do Fogo*, tradução de Maria Isabel Braga, Lisboa, Litoral Edições [1938].
- Cendrars, Blaise (1980), *O Fim do Mundo Filmado pelo Anjo N. S.*, tradução de Aníbal Fernandes, Lisboa, & etc. [1919].
- Chiziane, Paulina (1999), *Ventos do Apocalipse*, Lisboa, Caminho.
- Costa, Luís Alves da (1994), “Apocalipse”, prefácio a *Apocalipse do Apóstolo João*, s/l, Vega.
- Deleuze, Gilles / Guattari, Félix (2002), *Kafka. Para uma literatura menor*, tradução de Rafael Godinho, Lisboa, Assírio & Alvim [1975].
- Eliade, Mircea (1993), *O Mito do Eterno Retorno*, tradução de Manuela Torres, Lisboa, Edições 70 [1969].
- Louro, Maria Regina (1982), *Apocalipse*, Coimbra, Fenda.
- Miranda, Francisco de Sá de (1960), *Obras Completas*, vol. I, 3<sup>a</sup> ed., Lisboa, Livraria Sá da Costa.

Oliveira, Carlos de (2003), *Finisterra. Paisagem e povoamento*, Lisboa, Assírio & Alvim [1978].

Pessanha, Camilo (1997), *Clepsidra e outros poemas*, Porto, Lello Editores.

Santo, Moisés Espírito (1990), *A Religião Popular Portuguesa*, 2ª ed., Lisboa, Assírio & Alvim [1984].

Saramago, José (2007), *O Ano de 1993*, 3ª ed., Lisboa, Caminho [1975].

Sena, Jorge de (1989), *Poesia III*, Lisboa, Edições 70.

\* Este ensaio foi apresentado no colóquio *Que Farei quando Tudo Arde: o fogo e as suas representações na literatura. III Encontro do Grupo de Estudos Lusófonos*, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a 2 de Outubro de 2013, e a sua escrita foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projecto «PEST – OE/ELT/UI0500/2013».